

DO BAIANÊS AO PIAUIÊS: A ONDA DE DICIONÁRIOS REGIONAIS NORDESTINOS

Abstract

The linguistic studies in the northeast have been very strong in certain areas, in different moments. In this manner we had the phase of Dialectology and Linguistic Geography and another phase, nowadays, of Sociolinguistic, each one of these phases working with specific aspects of the linguistic analysis of the Portuguese Language, since the phonetical-phonological, the lexical to the morpho-sintactical.

In the last few years there is a new wave of dialectological and sociolinguistical studies with a strong emphasis in the lexical aspect, more precisely publishing dictionaries, vocabulary and regional northeastern speeches, beginning in Bahia, with the "baianês", going through Alagoas, with the "alagoanês", Pernambuco with the "pernambucanês", Ceará with "cearês", and Piauí with "piauiês".

This tendency nowadays follows a tradition that begun with Pereira da Costa (1937) The Vocabulary from Pernambuco; Leon Clerot (1959) The Vocabulary of Popular Terms and Slang from Paraíba; Raimundo Girão (1967) The Vocabulary from Ceará; Horácio de Almeida (1979) Popular Dictionary from Paraíba; Raimundo Nonato (1980) Calepiano Potiguar - Riograndense slang; Tomé Cabral (1982) Dictionary of Popular Terms and Expressions; and with Florival Seraine (1991) Dictionary of Popular Terms - Registered in Ceará.

In this work we will analyze the macro and micro structures of these dictionaries, vocabularies and glossaries of the Northeast Region.

Palavras-chave: Dicionário regional; lexicografia; linguagem popular.

1 Introdução

Os estudos lingüísticos no Nordeste têm se destacado em determinadas áreas, em momentos diferentes. Assim, tivemos uma fase da Dialectologia e Geografia Lingüística e uma fase, atual, da Sociolingüística, cada uma dessas fases abordando aspectos específicos da análise lingüística da Língua Portuguesa, desde o fonético-fonológico, ao léxico e ao morfo-sintático.

De alguns anos para cá tem surgido uma nova onda de estudos dialetais e sociolingüísticos com enfoque no aspecto léxico, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regionais nordestinos, começando pela Bahia, com o do baianês, passando por Alagoas, com o do alagoanês, por Pernambuco, com o do pernambucanês, pelo Ceará, com o do cearês e pelo Piauí, com o do piauiês.

Essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o *Vocabulário pernambucano*; Leon Clerot (1959), com o *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*; Raimundo Girão (1967) com o *Vocabulário Cearense*; Horácio de Almeida (1979) com o *Dicionário popular paraibano*; Raimundo Nonato (1980) com o *Calepino potiguar - gíria riograndense*; Tomé Cabral (1982) com o *Dicionário de termos e expressões populares*; Leonardo Mota (1982) com o *Adagiário brasileiro* e Florival Seraine (1991) com o *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará*.

Uma das características desses novos dicionários, vocabulários e glossários é que seus autores não são lexicógrafos ou lingüistas. São pessoas com outras formações profissionais: jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, crêem eles, são típicas daquele estado específico.

Este trabalho faz uma rápida análise da estrutura desses dicionários, vocabulários e glossários regionais nordestinos.

2 As variações diatópicas e diastráticas

Os estudos das variações lingüísticas têm tido um grande desenvolvimento, a partir de novas teorias, especialmente na área da Sociolingüística e, em menor quantidade, na de Dialectologia.

Contudo, esse desenvolvimento não tem sido bem aplicado no sentido de valorizar as variantes regionais e sociais, resultando serem elas vistas não como algo exótico, diferente ou 'errado', em alguns casos, mas como parte do todo que constitui nossa língua.

Pois, como dizem SCARTON e MARQUARDT:

"As múltiplas variações observadas no sistema lingüístico ocasionadas por fatores vários dão uma idéia multicolorida da língua, realçando seu caráter maleável, diversificado. Tal imagem corresponde a uma realidade evidente e desconhecê-la ou não levá-la em consideração o suficiente, significa, ter uma concepção mutilada da língua."¹

As variações diatópicas ou regionais, especialmente as nordestinas, têm sido bastante utilizadas em novelas e programas humorísticos da televisão, porém, sempre com sentido conotativo e pejorativo, com exageros que levam esses falares ao ridículo, face à variante padrão ou aos falares do Rio de Janeiro e São Paulo.

A esse falar regional junta-se sempre a variante social demarcadora de pessoas incultas ou de baixo nível sociocultural ou, ainda, de 'novos ricos', que ascenderam socialmente, sem que essa ascensão tenha se dado, também, no nível cultural.

Assim, é necessário que essa tendência de menosprezar as variantes regionais e populares seja detida e isto tem que ser feito a partir de um maior conhecimento lingüístico dessas variações por parte de pessoas detentoras de certa influência nos meios de comunicação de massa ou dos professores de primeiro e segundo graus, que têm uma faixa bastante forte de atuação na comunidade, através de seus alunos. Para isso, torna-se imprescindível que esses profissionais e professores tenham conhecimento de que o falar regional e o falar popular são diferentes do falar padrão e em nada inferiores a eles. É necessário que eles entendam o que muito bem frisou LABOV:

"Diferença não é deficiência."²

Fazemos nossa, aqui, por oportuna, a afirmação da professora LEMLE, quando diz:

"Um dos requisitos imprescindíveis para o desenvolvimento de um ensino escolar de língua portuguesa de real utilidade para os aprendizes é uma atitude lúcida diante da heterogeneidade dialetal da parte dos professores, que sem isso ficam sem rumo em sua tarefa de favorecer o desenvolvimento e o disciplinamento da expressão espontânea do seu educando. O caminho para tal lucidez requer duas etapas: a primeira, teórica, é a compreensão dos fatores que determinam a variação dentro de uma mesma língua; a se-

gunda, é o conhecimento dos fatores específicos dessa variação na área em que o professor atua..."³

Outro não é o nosso objetivo ao estudar os falares regionais nordestinos, sob os mais variados enfoques, nos diversos níveis de análise lingüística: conhecer, estudar e analisar, para poder valorizar e preservar as variantes socioculturais dos falares nordestinos.

3 Léxico, sociedade e cultura

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas lingüisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados, pois, no dizer de BARBOSA:

"Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo..."⁴

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Ainda segundo BARBOSA (1992:1)

"... o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores."⁵

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a "visão de mundo" de um grupo sócio-lingüístico-cultural, ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

O lingüista francês MATTORÉ ao estudar a sociedade francesa viu a política social, o jornalismo, as artes e os esportes através do que chamou **palavras-chave**, as que exprimem, numa sociedade, uma idéia, um ser, um sentimento que a sociedade reconhece como modelo, e as **palavras-testemunho**, como elementos em função das quais se hierarquiza e se coordena a estrutura da comunidade.

¹ SCARTON, G. et MARQUARDT, L. L. O princípio da variação lingüística e suas aplicações numa política para o idioma. *Boletim do Gabinete Português de Leitura*. Porto Alegre: (24) 21-31, jun. 1981, p. 6.

² LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, cap. 5.

³ LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (53/54): 69-94, abr/set, 1978, p. 60.

⁴ BARBOSA, M. Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981, p. 158.

⁵ _____. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. Anais. Assis: UNESP, 1993, p. 1.

Para BIDERMAN:

*"O universo semântico se estrutura em dois planos: o indivíduo e a sociedade, e da tensão de ambos se origina o léxico"*⁶

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Todo ato ou todo objeto ideológico é sempre acompanhado, comentado, analisado, glosado por discurso, na medida em que a ligação que une linguagem e pensamento é uma ligação de unicidade.

O discurso é determinado pelas condições sócio-históricas de sua produção, do mesmo modo que os objetos ou as formações ideológicas são condicionadas por pertencerem a um corpo social no momento de sua história.

Diz BAKHTIN:

"Por sua onipresença social a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais."

Concluindo por afirmar que:

*Tudo que é ideológico é um signo. Sem signo, fim da ideologia"*⁷

O léxico (dicionário, vocabulário, glossário), enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

GRAMSCI em seu trabalho *Problemes du materialism historique* diz:

*"Os dicionários fornecem informações de acordo com um modelo sociocultural que tende a juntar a diversidade das culturas coexistentes numa sociedade de modo a privilegiar a cultura e ideologia das classes ou facções dominantes (ditas cultivadas) - ideologia tomada no sentido de concepção de mundo sem no entanto ser um sistema conceptual"*⁸

Assim, como vimos, não se pode estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade e a cultura nas quais o falante está inserido.

GARMADI ao falar sobre o assunto chega a dizer que:

*"...qualquer grupo de locutores geograficamente situados, também está socialmente situado, por meio das relações que mantém com o resto da sociedade global, e a variedade que pratica é, simultaneamente, regional e social."*⁹

Relacionando léxico (dicionário), sociedade e cultura diz BIDERMAN:

*"O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura"*¹⁰

4 Léxico (Dicionário), Vocabulário, Glossário

4.1 Léxico (Dicionário)

É importante, nesse contexto, tocarmos no problema da distinção entre léxico (dicionário) e vocabulário de uma língua, assunto bastante discutido na lingüística moderna, havendo autores que usam ambos os termos como sinônimos ou ainda como equivalentes a dicionário. Outros, com os quais concordamos, consideram-nos aspectos distintos da lingüística, embora complementares, para o estudo das unidades da língua e do discurso.

Para MOUNIN, léxico é:

*"O conjunto de unidades significativas de uma determinada língua, num dado momento de sua história."*¹¹

O léxico de uma língua não pode ser reduzido a um simples vocabulário, ou seja, a uma lista de palavras. Deve ser estudado de forma autônoma, independentemente de qualquer contexto particular, isto é, através das formas cristalizadas da língua, tais como as palavras isoladas, conjunto de expressões marcadas pelo funcionamento gramatical e mantidas pelo uso coletivo: locuções fixas, idiotismos, provérbios, entre outros.

Segundo FAVROD (1978:116), é impossível enumerar o léxico, uma vez que este varia de acordo com os falantes, que por sua vez o utilizarão de formas diversas, dependendo do contexto em que estão inseridos.

Portanto, torna-se praticamente inviável determinar matematicamente, o número exato das unidades que compõem o léxico de uma língua, uma vez

⁶ BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística* (lingüística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p.

⁷ BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1977, p.38.

⁸ GRAMSCI

⁹ GARMADI, J. *La sociolinguistique*. Paris: PUF, 1981, p. 30.

¹⁰ BIDERMAN, M. T. C. op. cit. p. 28.

¹¹ MOUNIN, J. *Dictionnaire de la linguistique*. Paris: PUF, 1974, p. 203.

que ele varia de um indivíduo a outro, de um momento a outro no mesmo indivíduo e de um estado de língua a outro.

Em consonância com o pensamento de FAVROD, MULLER afirma que:

*"... o léxico é formado por um conjunto de unidades que, sem serem infinitas no sentido matemático do termo, não nos dão mais que a impressão de serem estritamente 'finitas'..."*¹²

Sendo, pois, o léxico o número total de palavras de que dispõe um falante, um grupo de falantes ou uma língua, não é possível, através de um dicionário, descrevê-lo na sua totalidade, de acordo com MOUNIN (1974:336), porém REY-DEBOVE diz que:

*"Os dicionários são nossa única idéia do léxico"*¹³

4.2 Vocabulário

Vocabulário é o conjunto dos vocábulos de uma língua.

Tradicionalmente, os vocabulários são registros de vocábulos sem a respectiva significação, opondo-se ao dicionário, segundo CÂMARA JR. (1977:241), com o qual concorda ZÉLIO DOS SANTOS, ao afirmar:

*"Opõe-se vocabulário, mero repositório de vocábulos (palavras sem as respectivas significações) o dicionário, conjunto de palavras e significações"*¹⁴

Uma definição bastante complexa, porém prática, de vocabulário dá-nos CHARLES MULLER quando diz:

*"... vocabulário é necessariamente ligado a um texto escrito ou falado, curto ou longo, literário ou utilitário, homogêneo ou composto, nos limites de um idioma dado. É o conjunto dos vocábulos representados um número qualquer de vezes no texto considerado."*¹⁵

Comparando léxico e vocabulário, PICOCHÉ utiliza as oposições língua e fala, disponibilidade e atualização, quando diz que o léxico é o conjunto de palavras que a língua põe à disposição do falante, enquanto o vocabulário é o conjunto de palavras utilizadas pelo falante em determinadas circunstâncias.

Complementando, diz ele:

*"O léxico é uma realidade de língua à qual não se pode ter acesso a não ser pelo conhecimento dos vocábulos particulares que a realidade dos discursos. O léxico transcende os vocabulários mas não são acessíveis a não ser por meio deles: um vocabulário supõe a existência do léxico do qual ele é uma amostragem."*¹⁶

Conclui-se, portanto, que léxico e vocabulário são aspectos diferentes do estudo das unidades lingüísticas, porém interdependentes, tal como língua e fala, uma vez que um não existe sem o outro.

4.3 Glossário

Glossário é o inventário lexical que normalmente aparece no final de obras, dando, em ordem alfabética, os termos do vocabulário especializado ou dialetal utilizado.

Para ZÉLIO glossário é:

*"...dicionário especial que consigna vocábulos sobre os quais pode o leitor comum ter dificuldades"*¹⁷

Vimos, assim, partindo do mais geral para o mais específico, que o léxico está ligado a vários falantes ou textos, o vocabulário, a um falante ou texto e o glossário, a termos específicos do texto que apresentem dificuldades de compreensão.

Modernamente, a distinção entre dicionário, vocabulário e glossário está baseada na distinção entre sistema, norma e fala proposta por COSERIU (1969). O **Dicionário** está relacionado ao **Sistema**, sendo sua unidade padrão o **lexema**. O **Vocabulário**, está relacionado à **Norma**, tendo como unidade de alta frequência e distribuição regular, o **Vocábulo**. E o **Glossário**, relacionado à **Fala**, usando a **Palavra** como unidade de ocorrência nos atos de fala. (MULLER - BARBOSA)¹⁸

5 Os dicionários, vocabulários e glossários regionais nordestinos

Vistos os aspectos regionais e sociais da linguagem, as relações entre léxico, cultura e sociedade e sua formalização lexicográfica em dicionários, vocabulários e glossários, surge a questão que divide os

¹² MULLER, C. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968, p. 134.

¹³ REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. In: ALFA: Revista de Lingüística. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v.28 (supl.), 1984, p. 65.

¹⁴ JOTA, Z. dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976, p. 344.

¹⁵ MULLER, C. op. cit. p. 130.

¹⁶ PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française: l'étude et enseignement du vocabulaire*. Paris: Natan, 1977, p. 44-45.

¹⁷ JOTA, Z. dos S. op. cit. p.154.

¹⁸ BARBOSA, M. A. Dicionário de língua, vocabulários técnico-científicos, glossários: estatuto semântico-sintático das unidades-padrão. Estudos Lingüísticos XXIII. *Anais de Seminários do GEL*, v. I. São Paulo: 1994.

especialistas: os chamados **dicionários regionais**, são dicionários, são vocabulários ou são glossários?

Se tomarmos a posição de MULLER-BARBOSA, os consideráramos vocabulários, uma vez que suas unidades se constituem norma no falar de um estado ou região e de uma classe definida socioculturalmente. Esta afirmação pode levar a outras discussões e maiores especificações, porém, para nosso objetivo, continuaremos a usar o termo dicionário, que é o utilizado pelos autores dos "dicionários regionais" que iremos analisar.

Antes de tudo é importante marcar, além da noção de dicionário, a noção de regionalismo, já que vamos tratar de dicionários regionais. Para AURÉLIO BUARQUE:

*"Regionalismo (3) - é a - locução peculiar a uma região, ou a regiões"*¹⁹

Para SILVA NETO (1986:307):

"os regionalismos embora geograficamente confinados e socialmente desprestigiados, seriam melhor tratados se enfocados sob uma perspectiva histórica..."

pois, segundo ele,:

*... antes da constituição da língua comum, temos apenas os regionalismos das diferentes partes do país, que fornecerão a matéria-prima para a constituição do léxico da língua comum."*²⁰

Mas, além do caráter regional - diatópico, interessa-nos, nesses dicionários, o caráter sociocultural, ou diastrático, uma vez que eles, de forma geral, trazem palavras e expressões usadas por falantes de uma classe sociocultural bastante definida, de pouca escolaridade e de baixo nível sócio-econômico, embora na linguagem coloquial do dia-a-dia, as pessoas, ditas cultas, usem essas mesmas palavras e expressões.

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico.

Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região, e é nesse aspecto que vamos ver como se comportam os dicionários regionais populares da região nordestina.

Analisamos oito dicionários: da Bahia, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Piauí e do Maranhão. Desses,

dois são mais tradicionais, o da Paraíba, de Horácio de Almeida, historiador e dicionarista e o do Rio Grande do Norte, de Raimundo Nonato, cronista riograndense do norte. Os outros seis são mais novos: o da Bahia, de Nivaldo Sariú; o de Alagoas, de Elza Cansanção Medeiros, jornalista e militar, ex-combatente na Itália; o de Pernambuco, de Bertrando Bernardino, engenheiro, o do Ceará, do engenheiro Marcus Gadelha, o do Piauí, do jornalista Paulo José Cunha e o do Maranhão, de Domingos Vieira Filho. Esses têm nomes de baianês, alagoanês, cearense e piauiês, palavras criadas pelos autores para se referir aos falares desses estados.

- Apenas o do Ceará e o da Bahia não apresentam exemplos ou abonações, os demais vêm com contextos que esclarecem melhor o conceito;
- Deles, apenas o da Paraíba tem a categoria ou classe gramatical das palavras e expressões;
- As palavras e expressões vêm na forma como são faladas e não na ortografia padrão. Muitas vezes, estão numa transcrição quase fonética, como em *arrudiar*, (arrodar) *balai* (balaio), *caboco* (caboclo);
- Os verbos não vêm na forma infinitiva, e os nomes não vêm no masculino singular, como de praxe nos dicionários;
- Os dicionários de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí são de médio porte; os da Bahia, Alagoas, Ceará e Maranhão são pequenos, do tipo livro de bolso;
- Os da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Maranhão têm um caráter mais sério, lingüístico e mesmo lexicográfico. Os da Bahia, Ceará, Piauí e Pernambuco são mais descontraídos, de gozação, sem qualquer preocupação lexicográfica.

Vejamos alguns exemplos colhidos aleatoriamente:

Abestado - abobalhado, bobo, otário, idiota. (CE, PI). A PB, BA e PE apresentam a variante **abestalhado**. Aurélio Buarque registra como brasileiro a forma **abestalhado**.

Abilolado - imbecil, idiota, aparvalhado, desnortado, abobalhado. (AL, PB, CE, RN e PE). No CE e RN há, ainda, a variante **abirobado**. PE apresenta a variante **abiscoitado**. Aurélio Buarque registra como brasileiro a forma popular.

Aperreado - irritado, agastado, angustiado, contrariado, afobado, atormentado, cheio de preocupações. (AL, PB, CE, PE). O MA apresenta a variante **Avexado**. Aurélio Buarque registra como brasileiro a forma popular.

Arre-égua - interjeição que pode significar qualquer coisa, a depender do tom de voz e da oca-

¹⁹ FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1474.

²⁰ SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1986. Apud OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Normas regionais e dialetais. In: CARVALHO, N. et SILVA, M. E. B (Orgs.) I ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE, 1998, p. 199-200.

sião: alegria, irritação, surpresa, enfado, contrariedade. (CE) Há ainda as variantes **Ai-égua** (AL), **Arre-lá** (PI), **Arre-Elza** e **Arre-ema** (CE). Aurélio Buarque registra apenas a forma **arre**, para designar cólera, enfado.

Assanhada - moça exibida, saliente, namoradeira, avoadada, fogosa, espevitada, sem compostura, sem termos de gente. (AL, RN, PB, PE). Há, também, o conceito de despenteada. Aurélio Buarque registra como brasileirismo (2) irrequieto, buliçoso, turbulento, e como familiar (4) erótico, namorador.

Baixa da água - lugar imaginário, incerto, duvidoso, distante, "longe que só a porra", não sabido. (AL, PB, RN, CE, PI). Aurélio Buarque não registra esta forma.

Cruviana - garoa fina da madrugada, frio, vento frio irritante que sopra de madrugada. (AL, PB, RN, PI). Em Pernambuco tem o sentido de preguiça, indolência. Aurélio Buarque registra como brasileirismo do Norte e Nordeste.

Dar fé - perceber, observar, dar por si, reparar, tomar tento. (PB, RN, CE, PI). Aurélio Buarque não registra.

Descansar - dar à luz, parir, ter filho. (BA, AL, PB, RN, CE, PI). Aurélio Buarque registra como brasileirismo.

Dor de veado - cólica no baço, dor do lado direito, na altura da região do apêndice. (BA, PB, RN, CE). Aurélio Buarque registra como brasileirismo do Norte e Nordeste.

Estalcido - estalício - gripe, resfriado, constipação, coriza, asma. (PB, CE, PI). Aurélio Buarque registra como brasileirismo da Bahia.

Gastura - indisposição estomacal, enjôo, náuseas, sensação de fome, sensação desagradável produzida pelo tato, audição ou ao sabor. (BA, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA). Aurélio Buarque registra como brasileirismo.

Inticar - ter prevenção ou má vontade contra alguém, implicar, provocar, ficar de marcação. (BA, AL, PB, RN, PI). Aurélio Buarque registra como provincianismo lusitano e açoriano, forma **enticar**.

6 Conclusão

Pela rápida análise que realizamos nos oito dicionários regionais do Nordeste, pode-se concluir que as palavras e expressões consideradas de cada um desses estados, na realidade a grande maioria é encontrada, também, nos demais estados do nordeste. Das treze palavras analisadas, apenas três não são registradas no Aurélio, as demais são registradas como brasileirismo, dessas, apenas três são registradas como brasileirismos do Norte e/ou do Nordeste e apenas uma diz que é uma forma popular.

Uma pesquisa mais aprofundada poderá nos dar uma visão melhor do que se pode considerar léxico regional nordestino e léxico de linguagem popular brasileira e não apenas léxico nordestino.

Isto poderá ser mais um caminho para comprovar uma de nossas hipóteses ao trabalharmos com

linguagem regional/popular, ou seja, para nós as diferenças diatópicas não são muito significativas. O que é mais marcante são grandes diferenças diastráticas no léxico da língua portuguesa do Brasil.

7 Bibliografia

7.1 Bibliografia Geral

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade; processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. *Anais*. Assis: UNESP, 1993.

_____. Dicionário de língua, vocabulários técnico-científicos, glossários: estatuto semântico-sintático das unidades-padrão. *Estudos Lingüísticos XXIII. Anais de Seminários do GEL*, v. I. São Paulo: 1994.

BIDERMAN, M.T.C. *Teoria lingüística* (lingüística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. Léxico, testemunho de uma cultura. In: *Anais do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românica. Santiago de Compostela, 4/9/ de setembro, 1989*.

_____. (org). ALFA: Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, 1984, n.28, Suplemento.

CASTILLO, Rodolfo A. *Como hacer un diccionario científico técnico?* Buenos Aires: Menphis, 1997.

DUBOIS, Jean e DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie*. Paris: Larousse, 1971.

GARMADI, J. *La sociolinguistique*. Paris: PUF, 1981.

GILBERT, Louis. *Le lexique. Langue Française*. Paris: (20), 1969.

_____. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R.R.K. (Ed.). *Lexicography: principles and practice*. London: Academic Press, 1983.

HUDSON, R.A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

JOTA, Z. dos S. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMME, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (53-54): 69-94, abr/set, 1978.

- MATTOS, Geraldo. *Parto de um dicionário*. São Paulo: FTD, 1996.
- MOUNIN, G. *Dictionnaire de la linguistique*. Paris: PUF, 1974.
- MULLER, C. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.
- OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de et ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française: l'étude et enseignement du vocabulaire*. Paris: Nathan, 1977.
- REY, Alain. *La lexicologie*. Paris: Klincksiek, 1970.
- SCARTON, Gilberto e MARQUARDT, Lia L. O princípio da variação lingüística e suas implicações numa política para o idioma. *Boletim do Gabinete Português de Leitura*. Porto Alegre: (24): 21-31, jun/1981.
- VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.
- ZGUSTA, Ladislav et al. *Manual of Lexicography*. Paris: Mouton, 1971.
- 7.2 Dicionários Regionais e Especializados**
- ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha - falares da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.
- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. Campina Grande: Grafset, 1984.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- ____ et al. *Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.
- AZEVEDO, Téo et ÂNGELO, Assis. *Dicionário catrumano*. Pequeno glossário de locuções regionais. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- BARRETO, Ozana. *Adolescentes aprenda a falar com eles - Dicionário*. Salvador: Universitária Americana, 1993.
- BERNARDINO, Bertrando. *Minidicionário de pernambucos*. 2ª ed. Recife: Bagaço, 1996.
- CHAMBERLAIN, Bobby J. et HARMON, Ronald M. *A dictionary of informal brazilian portuguese*. Washington: Georgetown University Press, 1983.
- CLEROT, L.F.R. *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (Estudo de glotologia e semântica paraibana). Rio de Janeiro: s.ed. 1959.
- CORRÊA, J. Romaguera et al. *Vocabulário sul-riograndense*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- CUNHA, Paulo José. *Grande enciclopédia internacional de piauiês*. s.n.t.
- GADELHA, Marcus. *Dicionário de cearês*. Fortaleza: Multigraf, 1999.
- GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: UFC, 1967.
- LARIÚ, Nivaldo. *Dicionário de baianês*. Salvador: s.ed.1991.
- MATTOSO, Glaucio. *Dicionário do palavrão e correlatos (Inglês-Português; Português - Inglês)*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MEDEIROS, Elza Cansanção. *Dicionário de alagoanês*. Maceió: UFAL, 1997.
- MOTA Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Fortaleza: UFC, 1982.
- NAVARRO, Fred. *Assim falava Lampião*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- NONATO, Raimundo. *Calepino potiguar-gíria riograndense*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.
- OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de. *Vocabulário regional: a cor local*. Estudos Lingüísticos, XXVI *Anais de Seminários do GEL*. Campinas, Maio/1997, p. 680/686.
- ____. Normas regionais e dialetais. In: I ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA da ANPOLL. *Anais*. Recife, 1998, p. 181/203
- ____. Regionalismos brasileiros. In: OLIVEIRA, A.M.P.P. de et ISQUERDO, A.N. (Orgs.) *As ciências do léxico - lexicologia, lexicografia e terminologia*, Campo Grande: UFMS, 1998, p. 107/113.
- PASSOS, Alexandre. *A gíria baiana*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.
- PEREIRA DA COSTA, F.A. *Vocabulário pernambucano*. Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano - Separata do volume XXXIV. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- SERAINÉ, Florival. *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará*. Fortaleza: Stylus, 1991.
- SIMÕES, Guilherme A. *Dicionário de Expressões populares portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Geografia vocabular do pau - através da língua portuguesa*. Recife: 20-20 Comunicação, 1994.
- ____. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Recife: Guararapes, 1980.
- TACLA, Ariel. *Dicionário dos marginais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *A linguagem popular do Maranhão*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979.